

SÓCRATES: DIÁLOGO E EDUCAÇÃO ¹ **[SOCRATES: DIALOGUE AND EDUCATION]**

José João Neves Barbosa VICENTE

Doutor em Filosofia pela UFBA Professor Adjunto da
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e editor da
Griot : Revista de Filosofia.
E-mail: josebvicente@bol.com.br

Resumo

A proposta desta reflexão é destacar a importância e o valor do diálogo nas práticas educativas. Como já foi dito várias vezes, a educação é uma das atividades humanas essenciais, mas é preciso ressaltar de forma persistente que, quando realizada na ausência do diálogo, ela corre sério risco de se transformar em um mero processo de doutrinação e de imposição de ideias ou opiniões. Nesse sentido, além de não contribuir para promover o pensar crítico e autônomo, a educação modela o indivíduo de acordo com padrões e formas pré-estabelecidos. Os argumentos utilizados aqui para fundamentar essa reflexão estão alicerçados no pensamento de Sócrates, mas a partir dos estudos realizados por alguns autores sobre suas ideias como foram transmitidas pelos seus discípulos, uma vez que não existe escritos cuja autoria é atribuída a ele.

Palavras-chave

Educação, diálogo, liberdade, pensamento, Sócrates.

Abstract

The purpose of this reflection is to highlight the importance and value of dialogue in educational practices. As has been said several times, education is one of the essential human activities, but it must be persistently emphasized that, when carried out in the absence of dialogue, it is seriously in danger of becoming a mere process of indoctrination and imposition of ideas or opinions. In this sense, in addition to not contributing to promote critical and autonomous thinking, education models the individual according to pre-established standards and forms. The arguments used here to substantiate this reflection are based on Socrates' thought, but from the studies carried out by some authors on his ideas, as they were transmitted by his disciples, since there are no writings whose authorship is attributed to him.

Keywords

Education, dialogue, freedom, thought, Socrates.

¹ O conteúdo deste artigo foi apresentado anteriormente em forma de comunicação na III Conferência Cabo-verdiana de Filosofia, Literatura e Educação: trocas narrativas e experiência de leitura plural – Universidade de Cabo Verde, Cidade da Praia – Santiago, Cabo Verde, 15 de outubro de 2020, com o título “Educação: o valor e a importância do diálogo”. Para elaboração deste artigo o texto original sofreu mudança no título e alguns acréscimos e alteração em seu conteúdo.



Sempre que a educação é colocada como tema de discussão, debate ou reflexão, ela surge como uma atividade humana essencial e indispensável. Essa constatação pode ser facilmente observada nos estudos de diversos autores e pensadores que dedicaram parte ou a totalidade de suas reflexões ao tema da educação. Nas palavras de Saviani (2008, p.1), por exemplo, “desde que o homem é homem, ele vive em sociedade e se desenvolve pela mediação da educação”; ou ainda como disse Kant (1999, p.15), o homem “é aquilo que a educação dele faz”. Nos dois pequenos trechos citados é possível perceber, de um modo geral, a importância fundamental da educação na vida dos seres humanos. Apesar dessa importância imensurável e imprescindível da educação, o objetivo aqui, no entanto, não é explorar ou discutir tudo o que a educação tem a oferecer a cada um de nós, mas sim fazer uma breve reflexão sobre essa atividade e destacar o “diálogo” como um dos elementos essenciais para que ela possa atingir seus verdadeiros propósitos. Os argumentos que fundamentam e sustentam essa reflexão estão todos alicerçados no pensamento de Sócrates, mas a partir dos estudos realizados por alguns autores sobre suas ideias como foram transmitidas pelos seus discípulos, uma vez que não existe escrito cuja autoria é atribuída a ele.

Entre os gigantes do pensamento ocidental, Sócrates foi, sem dúvida, aquele que mais valorizou e explorou a força do diálogo como meio para se alcançar o conhecimento. Ele dialogava de modo profundo sobre diversos temas com todos aqueles que aceitavam dialogar com ele. O diálogo ou a conversa frente a frente era para Sócrates imprescindível e fundamental para se chegar ao conhecimento; talvez seja por isso que nunca escreveu livros. De acordo com observação de Konder (2010, p.21), ele costumava dizer que “os livros não sabem perguntar e responder”; para Sócrates, “a palavra escrita”, como destacou Kohan, (2003, p.151), era “infinitamente menos amiga que a palavra falada”. De todo modo, mesmo sem ter deixado algo escrito, sua importância como pensador e suas contribuições filosóficas são reconhecidas pela maioria dos estudiosos e pesquisadores; no campo da educação propriamente dito, ele é, por exemplo, nas palavras de Jaeger (1994, p.191), o “educador por excelência”, Sócrates é, na verdade, como disse Ghirdelli Jr (2015, p.9), um “homem extraordinário, como filósofo e como educador”. Através do seu método baseado no diálogo que afastava qualquer intenção de impor sobre o outro ideias ou opiniões consideradas melhores ou certas, ele não apenas provocava inquietações e conduzia seus interlocutores à reflexão, mas também promovia e valorizava o pensar autônomo e crítico em cada um deles; é por isso, portanto, que o diálogo como praticado



por Sócrates permanece válido e imprescindível para a prática educativa em qualquer época e lugar, além disso, é preciso também destacar que ele foi um exemplo de pessoa ética que agia de forma transparente e justa, sempre preocupada em fazer as coisas corretamente (VICENTE, 2016. 2017). Portanto, além de um “educador por excelência” e “extraordinário como filósofo”, Sócrates foi também um grande exemplo da vida ética. Nesta reflexão, no entanto, o objetivo não é necessariamente a questão ética nesse pensador, mas sim a educação, no intuito de destacar o valor e a importância do diálogo nesse processo.

Mas, como refletir sobre a educação a partir do pensamento de Sócrates se ele mesmo disse na *Apologia* (1980, 33a): “nunca ensinei pessoa alguma”? Essa frase dita por Sócrates expressa exatamente a singularidade da educação em seu pensamento, expressa o motivo pelo qual ele é considerado um pensador imprescindível quando o assunto em questão é a educação, ele jamais ensinou uma pessoa porque jamais se considerou um “profissional” da educação cuja missão é ensinar aqueles que almejam ser “profissionais”; ou como se pode perceber em alguns escritos de Kohan (2015, p.113; 2011, p.46), Sócrates nunca ensinou porque ao contrário dos “profissionais de seu tempo”, ele jamais acreditou que tinha algo a ensinar. Em outras palavras, ele nunca “foi mestre” e “não ensinou conhecimento algum” porque jamais acreditou que tinha alguma coisa capaz de ser transferida para um outro indivíduo. Isso, no entanto, não significa dizer, em hipótese alguma, que aqueles que se aproximavam dele e dialogavam com ele não aprendiam: todos aqueles que se aproximavam de Sócrates e aceitavam dialogar com ele eram profundamente instigados a pensar. Isso significa dizer que, para Sócrates, podemos aprender com alguém que não usa a capa do profissional da educação e que não tem nenhuma pretensão ou intenção de nos ensinar, isto é, de nos transferir “saberes”. A compreensão socrática da “relação entre quem ensina e quem aprende” é, portanto, totalmente diferente daqueles que acreditam que “se alguém aprende é porque outro lhe ensinou o que aprendeu”. Sócrates não é adepto da prática educativa que funciona como uma atividade na qual o educador, mestre ou o profissional “transfere” conhecimento para o educando, discípulo ou aprendiz.

Para Sócrates, o educador não é o indivíduo detentor de conhecimento ou que acredita possui-lo e tem a nobre missão de transferi-lo aos seus educandos ou exigir que eles o escutem e seguem fielmente suas orientações e regras, não é também alguém convencido de que o outro tem a função apenas de ouvi-lo ou assimilar o que ele tem a



dizer; em termos socráticos, o educador é o indivíduo capaz de auxiliar o educando a pensar e a buscar o conhecimento por si só, ou seja, o educador é alguém cujo principal objetivo é despertar cada educando para o pensar. Educar não é e nunca deverá ser visto ou entendido como uma relação entre aquele que sabe e aquele que não sabe, mas sim como uma ação fundamentada em uma relação que desperta e incita a buscar o conhecimento. É por isso que a “educação socrática” se fundamenta no diálogo em que, naturalmente, o educador auxilia o educando a formular pensamentos e ideias próprios. Trata-se, portanto, de um modo de educar, como disse Scott (2000, p.26), “incompatível” com a educação como “transferência de conhecimento e do professor como um mero ‘provedor de conteúdos’”. O diálogo como método educativo contribui para que a educação não se transforme em um processo de doutrinação e nem de imposição de ideias ou opiniões.

Além de diminuir a distância entre educador e educando, o diálogo como praticado por Sócrates evita também que o educando seja “formado” ou “modelado” de acordo com princípios ou padrões pré-estabelecidos pelos outros. O diálogo, em termos gerais, contribui para que a educação não seja reduzida a um mero processo de transferência de conhecimento de uma “cabeça” para outra. De acordo com a perspectiva socrática, conforme observação de Valera-Villegas (2019, p.24), a educação é um “processo de ascensão espiritual do ser humano”; mas, para que cada um de nós possa, de fato, experimentar essa ascensão espiritual, o processo educativo precisa não apenas respeitar e valorizar a capacidade de pensar de cada indivíduo, mas também colaborar efetivamente no intuito de despertá-lo para que cada um possa buscar o conhecimento por si só. Exercida através de uma relação dialógica profunda e respeitosa, a educação não apenas auxilia o indivíduo a pensar por si próprio, mas também a cuidar de si mesmo, a examinar a sua própria vida e a vivê-la de forma reflexiva. Por meio do diálogo a educação tem condições de despertar de forma plena o potencial intelectual presente em cada indivíduo para que, desse modo, ele possa se sentir totalmente capaz de pensar e buscar o conhecimento com seus próprios recursos, além de traçar e seguir seu próprio caminho.

Quando o educador se posiciona como alguém dotado de conhecimento e acredita que o seu principal objetivo é, de fato, transferi-lo, ele não apenas elimina o diálogo do processo educativo, mas também deixa de considerar o educando como alguém que também tem algo a dizer e que é também capaz de buscar e alcançar o conhecimento. Acreditar que o educador é aquele que possui o conhecimento e que é capaz de transferi-lo ao seu educando e que este é alguém que está aí simplesmente a espera desse



conhecimento, nada mais é do que uma atitude contra a própria educação, porque aquele que pensa ou age dessa forma deixa de fazer aquilo que é essencial no processo educativo, a saber, provocar inquietações, questionamentos e busca do conhecimento; em outras palavras, deixa de fazer pensar. É por isso que Sócrates ridicularizou esse tipo de educação que, em sua época, era exercido pelos sofistas que se consideravam os detentores do saber; mais recentemente, Paulo Freire (1996, p.52) também defendeu que "... ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção". O educando não é e nem deve ser considerado, em hipótese alguma, uma gaveta vazia que precisa ser enchida de coisas que ele nem se quer escolheu; o educando não um barro pronto para ser modelado de acordo com ideias, objetivos ou intenções dos outros.

Uma das principais tarefas do educador é, certamente, provocar no educando uma profunda inquietação que o incite a pensar, a questionar, a problematizar e a buscar o conhecimento com seus próprios recursos. Essa tarefa, no entanto, é impossível de ser realizada por aqueles que abrem mão do diálogo aberto e sincero em sua atividade educativa, bem como por aqueles que, por algum motivo, acreditam fielmente que o conhecimento está com eles e, portanto, se alguém tem interesse em aprender, precisa escutá-los atentamente. É preciso aprender uma das lições de Sócrates, como escreveu Gusdorf (2003, p.6): "o melhor mestre não é aquele que se impõe"; é "aquele que se esforça para acordar uma consciência". A imposição pode até doutrinar, mas ela jamais educa, principalmente porque não desperta a consciência, não faz pensar; o diálogo, por sua vez, ao contrário da imposição, desperta a consciência e conduz ao pensar, por isso ele é imprescindível no processo educativo. O diálogo leva o indivíduo a fazer uma avaliação de si próprio, a conhecer a si mesmo e a buscar o conhecimento.

Para que o diálogo (como entendido e praticado por Sócrates) possa, de fato, desempenhar seu verdadeiro papel no processo educativo, talvez o primeiro passo é entender que a função do educador não é transferir conhecimento; depois disso é preciso também ficar claro que ela não "consiste", como disse Moriyón (2014), "em converter-se em fonte de informações". O educador precisa dialogar abertamente e de forma amigável e constante com todos os seus educandos, não para torná-los seguidores das suas ideias e crenças, mas sim para que eles possam despertar e conscientizar que o conhecimento pode ser alcançado por eles através de pesquisa e de busca. O educador precisa, portanto, ser um constante incitador para que todos aqueles que se encontram na escuridão possam



vir para a luz. Afinal, como disse Savater (2012, p.17), “tornar-nos intelectualmente dignos de nossas perplexidades é o único caminho para começar a superá-las”. A educação através do diálogo tem potencial para despertar em cada indivíduo, não apenas o pensar autônomo e crítico, mas também o desejo profundo de saber, porque não é uma relação entre quem sabe e quem não sabe, mas sim uma relação/interação saudável e produtiva entre educador e educando.

O educador pode guiar ou orientar, mas não deve, em hipótese alguma, escolher e nem decidir o destino dos seus educandos. A educação precisa ser entendida e praticada como uma questão de “relação” e jamais como uma questão de transferência de conhecimento ou conteúdo. É por isso que ela exige não um educador que se coloca como modelo a ser seguido ou como aquele que é o detentor do conhecimento, mas sim uma “pedagogia do diálogo” (BUITRAGO, 2005, p.209). De acordo com Buitrago (2005, p.210), por mais que um educador ou um “mestre seja a realidade pedagógica mais importante, não significa que tudo na educação gira em torno dele”. Ainda de acordo com esse autor, para Platão, por exemplo, na educação “tudo gira em torno dos verdadeiros valores, da verdadeira forma de vida, ou seja, das *ideias*”. Educar não é, portanto, simplesmente falar e nem discursar para uma plateia, não se trata também de um show; educar exige, acima de tudo, uma relação dialógica profunda e o respeito total aos indivíduos nele envolvidos.

O diálogo como método educativo, não transfere, não forma e nem transforma, porque seu objetivo fundamental é atingir a profundidade de cada educando e provocar nele inquietação, no intuito de despertá-lo para reflexão e busca do conhecimento. No diálogo como praticado por Sócrates, o objetivo é despertar o indivíduo para que ele faça uso da sua própria capacidade de pensar e questionar; não há, portanto, qualquer intenção de mudá-lo, transformá-lo ou motivá-lo a seguir ideias e princípios pré-concebidos. No diálogo aberto e sincero entre educador e educando, não há também espaço para a transferência de conhecimento, mas sim para o despertar do pensar; na verdade, como escreveu Kohan (2005, p.180) sobre “o sentido de ensinar” em Sócrates, “o melhor educador não transmite um saber, mas uma inquietude”. Educar através do diálogo é colaborar humildemente e efetivamente para que o educando desenvolva sua “capacidade de pensar” e encontre o seu próprio caminho. Como método educativo, o diálogo é incompatível com a figura de um “mestre” que transfere conhecimento aos seus “discípulos”; ele também não se alinha com aqueles que buscam convencer o outro através de convicções e dogmas.



O diálogo remete o indivíduo ao seu “tribunal interior” para que ele julgue as questões e apresente suas próprias ideias e conclusões. É por isso que, ao dialogar, Sócrates jamais se apresentou como aquele que sabe e ensina aos que não sabem; ele também jamais teve qualquer intenção de impor suas ideias ou opiniões sobre os outros e nem de moldá-los de acordo com seus objetivos e interesses. Para Sócrates o importante é conduzir cada indivíduo a pensar por si mesmo, a alcançar o conhecimento através da sua capacidade e trazer para fora suas próprias ideias; essa é uma tarefa que apenas o diálogo é capaz de realizar, principalmente porque aquele que está disposto a dialogar não se apresenta como o detentor do conhecimento. Sócrates, por exemplo, como observou Duhot (2004, p.123), se apresentava “como o catalisador indispensável à tomada de consciência do saber que está sepultado em nós”. Assim, a educação cujo método é o diálogo como praticado por ele, auxilia o educando a exteriorizar seus pensamentos e aperfeiçoar a relação consigo mesmo. Como disse Not (1993, p.81), Sócrates “pretendia fazer exteriorizar julgamentos do indivíduo que exprimissem sua natureza profunda, cuja característica essencial é a razão”. Refletir sobre a educação a partir das ideias de Sócrates significa entender que ela não acontece por meio de transferência de conhecimento e nem por meio de discursos grandiosos, mas sim através do diálogo que provoque profundas inquietações no educando, para que ele possa pensar por si próprio.

O diálogo socrático como método educativo, além de respeitar e valorizar a capacidade de pensar de cada um dos envolvidos, ele também desperta nos educandos suas próprias ideias e as conduz para fora em segurança. Essa forma de educar afasta todo e qualquer indício de doutrinação ou imposição de ideias e exalta o pensar crítico e autônomo como objetivo principal da atividade educativa. Talvez seja por isso que, “ainda hoje”, como observou Kohan (2011, p.13), “correntes inteiras do pensamento pedagógico se dão o nome de ‘ensino socrático’”. É preciso sublinhar, portanto, que na história do pensamento ocidental, Sócrates não é lembrado apenas como um grande filósofo, mas também como um grande educador que auxiliava cada um dos seus interlocutores a pensar por si próprio e a trazer suas ideias para fora. Como muito bem destacaram Beatriz Ferreira, Dayana Ferreira e Gustavo Batista (2010, p.63), Sócrates “é, por excelência, o filósofo e o educador do diálogo”. Refletir sobre a educação a partir das suas ideias é essencialmente destacar o valor e a importância do diálogo para a prática educativa. Em termos socráticos, o processo educativo que abre mão do diálogo, não apenas enfraquece, mas também perde



seu sentido e deixa de alcançar seu objetivo mais nobre que é conduzir os educandos a pensar por si próprios e a expor suas ideias.

O diálogo como praticado por Sócrates, revigora a atividade educativa e, por isso mesmo, precisa ser visto como algo relevante “para a teoria e prática do ensino” (MCPHERRAN, 2013, p.6). Através dele a reflexão permanece viva no campo da educação, bem como o “questionar” e o “examinar” que, como lembrou Magrini (2018, p.110), são também “ideias socráticas”. O objetivo do diálogo não é transferir conhecimento de uma cabeça para outra e nem apresentar algo definitivo a um determinado indivíduo, mas sim provocar nele inquietações, despertar a sua capacidade de pensar e questionar para que ele possa buscar o conhecimento. Por meio do diálogo, o educador se torna cada vez mais consciente da sua função de fazer pensar e o educando, se torna cada vez mais consciente da sua capacidade de pensar. Como disse Paulo Freire (1974, p.93), “o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens”. A relação dialógica entre educador e educando é, portanto, fundamental e indispensável no processo educativo.

O diálogo coloca o educando na condição de desejar o conhecimento cada vez mais e de modo permanente. E quando isso acontece, ele se torna o verdadeiro protagonista da sua própria formação. Nesse sentido, o educando passa a entender o “principal ensinamento” de Sócrates que, de acordo com observações de Collina (2016, p.125), consiste basicamente em não se conformar simplesmente, não ficar “na superfície das coisas” e nem ter “medo de fazer perguntas para compreender melhor o mundo em que vivemos”. É por isso que o educador não pode se colocar na condição de alguém que transfere conhecimento, mas sim no lugar daquele que, como Sócrates, provoca profundas inquietações. Para isso, ele precisa estar ciente que, ensinar nesse contexto, como disse Benoit (1996, p.61), “não é colocar nenhuma matéria em alguém”, mas sim “acordar o conhecimento”. O educador precisa acreditar na capacidade de pensar de cada educando e colaborar efetivamente para que ele possa despertar e buscar o conhecimento através da sua própria capacidade. Essa tarefa se realiza através do diálogo, um método cujo valor e importância foram amplamente divulgados por Sócrates. Talvez seja por isso que Jaeger (1994, p.512) descreveu esse filósofo como “o mais espantoso fenômeno pedagógico da história do Ocidente”. O diálogo é o método ideal capaz de conduzir a atividade educativa rumo aos seus verdadeiros propósitos.



Refletir sobre a educação a partir das ideias de Sócrates é sempre uma oportunidade de contribuir positivamente com essa atividade humana indispensável, mas também é sempre uma oportunidade de aprender sobre uma das principais qualidades dessa atividade que é a humildade: seres autossuficientes não dialogam. Por isso, como disse Paulo Freire (1974, p.94), não há “diálogo, se não há humildade”. Ainda de acordo com esse educador, o diálogo simplesmente “se rompe, se seus polos (ou um deles) perdem a humildade” (FREIRE, 1974, p.95). Nas palavras de Cortella (2014, Cap. 4), “só é um bom ensinante quem for um bom aprendiz”. Ainda de acordo com esse autor, no campo da educação, a “humildade pedagógica” precisa estar sempre presente, a sua “principal característica”, isto é, “a noção de que alguém sabe coisa, mas não as sabe todas”, precisa ser observada por todos os educadores; para Cortella, “a humildade pedagógica é, portanto, a qualidade essencial de alguém que se disponha a educar, porque só quem é permeável a ser educado pode também educar”. Todos precisam abrir-se ao conhecimento, ao questionamento, ao exame, à reflexão, à crítica e à busca. O diálogo é, nesse sentido, o caminho ideal e indispensável.



Referências

- BENOIT, Alcides Hector Rodriguez. *Sócrates o nascimento da razão negativa*. São Paulo: Moderna, 1996.
- BUITRAGO, José Penalva. El maestro como mediador axiológico en el pensamiento de Platón. *Educación*, XXI(8), 201-214, 2005.
- COLLINA, Beatrice. *Sócrates: maestro de vida y de filosofía*. Trad. Irene Oliva Luque. Barcelona: Batiscafo, 2016.
- CORTELLA, Mario Sérgio. *Educação, Escola e Docência: novos tempos*, São Paulo: Cortez, 2014.
- DUHOT, Jean-Joel. *Sócrates ou o despertar da consciência*. Trad. Paulo Menezes. São Paulo: Loyola, 2004.
- FERREIRA, Stephânia Beatriz., FERREIRA, Dayana Vieira., BATISTA, Gustavo Araújo. Sócrates: a defesa da filosofia aplicada à educação para a vida reflexiva – algumas considerações para a autoformação ético-política do educador. *Cadernos da FUCAMP*, 10(12), 49-64, 2010.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia - saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GHIRALDELLI Jr., Paulo. *Sócrates: pensador e educador: a filosofia do conhece-te a ti mesmo*. São Paulo: Cortez, 2015.
- GUSDORF, Georges. *Professores, para quê?: para uma pedagogia da pedagogia*. Trad. MF. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- JAEGER, Werner. *Paideia: a formação do homem grego*. Trad. Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- KANT, Immanuel. *Sobre a pedagogia*. Trad. Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: UNIMEP, 1999.
- KOHAN, Walter Omar. *Infância. Entre educação e filosofia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- KOHAN, Walter. *Sócrates & a educação: o enigma da filosofia*. Trad. Ingrid Müller Xavier. Belo horizonte: Autêntica, 2011.
- KOHAN, Walter. *O mestre inventor. Relatos de um viajante educador*. Trad. Hélia Freitas. Belo horizonte: Autêntica, 2015.
- KONDER, Leandro. *Filosofia e educação: de Sócrates a Habermas*. Rio de Janeiro: Forma & Ação, 2010.
- MAGRINI, James M. *Plato's Socrates, philosophy and education*. Springer, 2018.
- MCPHERRAN, Mark L. Socrates, Plato, erôs, and liberal education. In: Brooke Christopher and Frazer, Elizabeth (Ed.). *Ideas of Education Philosophy and politics from Plato to Dewey*. Routledge, 2013.
- MORIYÓN, Félix García. *Pregunto, Dialogo, Aprendo: cómo hacer filosofía en el aula*. Madrid: Ediciones de la Torre, 2014.
- NOT, Louis. *Ensinando a aprender: elementos da psicodidática geral*. Trad. Carmem Guedes e Cláudia Signorini. São Paulo: Summus, 1993.
- PLATÃO. Apologia de Sócrates, Critão, Menão, Hípias Maior e outros. In: *Diálogos*; v. I-II. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA, 1980.
- SAVATER, Fernando. *O valor de educar*. Trad. Monica Stahel. São Paulo: Planeta, 2012.
- SAVIANI, Dermeval. *A nova lei da educação: trajetória, limites e perspectivas*. Campinas: Autores Associados, 2008.
- SCOTT, Gary Alan. *Plato's Socrates as educator*. Albany: State University of New York Press, 2000.
- VALERA-VILLEGAS. Gregorio. Sócrates y la enseñanza. La dialéctica socrática. *Revista Pilquen*. Sección Psicopedagogía. 16(1), 22-31, 2019.



VICENTE, José João Neves Barbosa. *Ética: a vida sem máscaras*. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2017.

VICENTE, José João Neves Barbosa. *Pensando a educação com Sócrates, Platão e Rousseau*. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2016.



VICENTE, José João Neves Barbosa. SÓCRATES: DIÁLOGO E EDUCAÇÃO. *Kalagatos*, Fortaleza, Vol.18, N.2, 2021, p. 9-19.

Recebido: 11/2021
Aprovado: 12/2021

